

# Remix Ensemble

**Casa da Música**

**Peter Rundel** direção musical  
**Christina Daletská** meio-soprano

**21 jan 2024 · 18:00 Sala Suggia**

PORTUGAL 2024



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

## **Peter Eötvös**

*Fermata*, para 15 músicos\* (2020-21; c.18min)

## **Vasco Mendonça**

*Three Speeches and a Technique*, para voz e ensemble\*\* (2016-2023; c.15min)

1. The Choice
2. The Future
3. The Recount
4. The Power Fist

2ª PARTE

## **Emmanuel Nunes**

*Duktus*, para 21 instrumentos (1987; c.32min)

---

\*Estreia em Portugal.

\*\*Texto original e tradução nas páginas 6 e 7.

## Peter Eötvös

TRANSILVÂNIA, 2 DE DEZEMBRO DE 1944

Maestro e compositor húngaro, Peter Eötvös tem feito um percurso artístico rico e multifacetado com enfoque na música contemporânea. Entre muitas actividades, destaca-se a participação no Stockhausen Ensemble (1968-1976), o trabalho no estúdio de música electrónica da Rádio da Alemanha Ocidental (1971-1979), a direcção do Ensemble intercontemporain (1978-1991) e ainda a direcção de várias orquestras nos principais centros europeus de referência para a música moderna.

O referencial musical de Eötvös é muito ecléctico — entre as influências que considera especialmente duradouras no seu imaginário estão pontos cardeais como Bartók, Stockhausen, Gesualdo, música electrónica e Miles Davis. Compositor especialmente celebrado nos géneros dramáticos, da sua concepção ressalta uma particular teatralidade — não confinada à música vocal —, que frequentemente tira partido de efeitos de movimento do som no espaço, potenciados quer pela disposição dos músicos, quer pela combinação de diferentes fontes sonoras com recurso a amplificação. A presença de elementos improvisatórios tem sido também recorrente na sua obra de formas muito diversas (por vezes chegando mesmo a denunciar a paixão do compositor pelo jazz).

### ***Fermata*, para 15 músicos**

*Fermata* resulta de uma encomenda do UMZE Ensemble de Budapeste (a que Eötvös esteve ligado), do Ensemble Contrechamps (Genebra) e do festival Acht Brücken (Colónia), com apoio da Ernst von Siemens Music Foundation e do Ensemble intercontemporain. Estreada pelo Ensemble UMZE em Budapeste, em Março

de 2022, foi entretanto ouvida em Genebra, Colónia e, há poucos dias, em Paris. A Casa da Música, que por várias vezes acolheu Peter Eötvös nos últimos anos, apresenta agora ao público a estreia nacional da obra.

Eötvös requer 15 músicos — flauta (+ flautim), oboé, clarinete em lá, clarinete baixo, fagote, trompa (surdinas *straight* e *wah-wah*), trompete (surdinas *straight*, *wah-wah* e *plunger*), trombone (surdinas *straight*, *cup* e *plunger*), percussão (jogo de sinos, vibrafone, marimba, sinos tubulares, triângulo, pratos, prato china, chocalhos suspensos, gongos de altura definida, tantã, pandeireta, reco-reco, wood block, duas molas helicoidais), piano (+ celesta), violino I e violino II, viola, violoncelo e contrabaixo — e pede que todos (excepto fagote, violoncelo e piano) toquem de pé.

Eis o que escreve o compositor acerca da peça, composta em período de pandemia:

“*Fermata* (2020-2021) é um concerto para 15 músicos separados por 1,5 metros. Apresentam uma espécie de reportagem dos nossos dias de Covid e anos de pandemia em que a vida normal parou subitamente, depois continuou de forma um tanto caótica e parou mais uma vez com acontecimentos trágicos.

“O material musical é relativamente simples, por vezes reduzido apenas ao contraste de notas pretas e brancas — secções individuais, sem coerência lógica, numa altura em que temos de considerar se é apropriado na nossa sociedade que o piano tenha sete teclas brancas e apenas cinco teclas pretas numa oitava. A proporção não poderia ser equilibrada ou inversa? Séculos de crescente tensão social parecem ter acendido o rastilho nos dias de hoje. A questão é: que comprimento tem o rastilho e com que rapidez ou lentidão detonará a bomba?

“Estes pensamentos revolvem-se na cabeça do compositor enquanto escreve as notas,

## Vasco Mendonça

PORTO, 1977

e mais parece que as notas estão na verdade a escrevê-lo a ele.”

As secções sucedem-se, de facto válidas por si, sem lógica explícita, até porque a vivacidade do discurso tímbrico e motivico alimenta a atenção, por entre a paleta apelativa de cada momento. Com sonoridades acessíveis, a eficácia brota da enorme assertividade dos gestos, das texturas vivazes e dos contornos melódicos da escrita, mostrando a perícia de um compositor que habilmente engendra espaço privilegiado para um ímpeto dramático, sem prejuízo de uma permanente inventividade nos mais ínfimos pormenores. Entre instrumentos ou naipes, a relação faz-se tanto de uma lógica de continuidade melódica ou prolongação sonora, como de uma complementaridade rítmica, propiciando situações de claro diálogo e discurso contrapontístico — a partitura indica até um “cânone de metais”, ainda nos primeiros minutos. São particularmente dignos de nota os achados de combinações tímbricas e sobreposições texturais que percorrem a partitura. A atitude descomplexada em termos de vocabulário é muito evidente: ouvimos frases descendentes em quartos de tom, figurações de pulsação definida velozes e irónicas, acordes pianísticos *jazzy*, intervenções dos metais com várias surdinas a lembrar a exuberância das *big bands*, cordas em harmónicos, motivos insistentes de traços quase bartokianos, ou até sobreposições de diferentes tempos (há mesmo um momento em que os naipes de madeiras e percussão tocam sem sincronização ou direcção do maestro, enquanto cordas e celesta, noutro tempo, continuam a seguir os seus gestos). Qualquer descrição será desadequada para uma peça tão repleta de estímulos e de aparente espontaneidade.

PEDRO ALMEIDA, 2024\*

Um longo caminho foi já percorrido por Vasco Mendonça desde 2007, ano em que foi o primeiro Jovem Compositor em Residência na Casa da Música. A sua música é hoje tocada por agrupamentos como o AskolSchönberg Ensemble, Spectra Ensemble, Nieuw Ensemble, Axiom Ensemble ou International Contemporary Ensemble (ICE), além de formações nacionais como a Orquestra Gulbenkian, o Drumming GP ou os agrupamentos da Casa da Música. Recebe encomendas de importantes festivais, entre os quais o Aix-en-Provence, Aldeburgh Music, Verbier, Musica Estrasburgo e November Music, e de salas de concerto como a Ópera Nacional dos Países Baixos, Ópera e Philharmonie de Paris, Lincoln Center, Concertgebouw de Amesterdão, La Monnaie, Grand Theatre du Luxembourg, Elbphilharmonie, Philharmonie de Colónia, de Singel, Casa da Música e Fundação Gulbenkian.

O seu interesse pela música cénica leva-o a trabalhar com algumas das companhias de teatro musical mais inovadoras da Europa, como o Music Theatre Wales, o Muziektheater Transparant e o LOD Muziektheater, e com encenadores como Katie Mitchell, Michael McCarthy e Luís Miguel Cintra.

Tem obras gravadas pelas editoras Naxos e Classic Concert. Estudou com Klaas de Vries e George Benjamin, foi distinguido com o Prémio de Composição Lopes-Graça e o ROLEX Mentor and Protégé Arts Initiative (recebendo orientação de Kaija Saariaho), e representou Portugal no International Rostrum of Composers da UNESCO.

A residência de Vasco Mendonça na Casa da Música em 2024 inclui a interpretação de seis obras, duas das quais são encomendas em

estreia mundial, e um seminário para estudantes de composição.

### ***Three Speeches and a Technique,* para voz e ensemble**

Em 2016, a convite da fundação holandesa Stichting Bosch 500, e por ocasião do aniversário da morte de Hieronymus Bosch, compus a ópera *Bosch Beach*. O libreto, de Dimitri Verhulst, recriava o Purgatório numa estância turística moderna, inspirada nas imagens desumanas dos desembarques de imigrantes nas praias da ilha de Lampedusa. Nesse texto, um trio de turistas insistia em desfrutar obstinadamente das suas férias, alheio à barbárie de sofrimento e horror que o rodeava. Sobre ele, escrevi na altura: “(...) dentro desta moldura narrativa, era importante aprofundar estas pessoas, encontrar formas de transmitir as suas dinâmicas de poder e a natureza das suas transacções dramáticas, de modo a evidenciar a sua posição ética no grupo; permitir que a música as esculpisse através de uma escrita vocal, de um mundo harmónico, e de iterações rítmicas (...)”.

Alguns meses depois, revendo a partitura para publicação, este ímpeto em resistir à natureza caricatural do libreto de Verhulst deu lugar a uma surpreendente vontade de a abraçar. Mas a combinação particular, no texto, de sarcasmo e intimidade continuavam a pôr entraves a esse gesto, parecendo neutralizar-se mutuamente. Ocorreu-me então inverter o processo: criar um texto que desse um novo significado à música composta em 2016.

A escolha foi rápida: tal como o discurso das personagens de *Bosch Beach*, o discurso político é intrinsecamente performativo, utilitário e demagógico. Assim, dos quatro números seleccionados da ópera, transformei os três

primeiros nos arquétipos presentes em qualquer campanha eleitoral: o discurso conservador (“The Choice”); o discurso progressista (“The Future”); e o discurso da noite eleitoral (“The Recount”). O último número foi convertido num tutorial sobre uma técnica de falar em público (“The Power Fist”).

Sendo aparentemente substancial, a transformação mantém, no entanto, inalterado o carácter e a essência da música, oferecendo uma nova perspectiva sobre esta, sem comprometer as palavras que escrevi em 2016 sobre as estranhas criaturas de *Bosch Beach*: “(...) apesar do estranho momento de dúvida, cujo principal objectivo parece ser sacudir a culpa, as personagens parecem estar em paz com as suas escolhas. E, no entanto, seria difícil defini-las como monstros”.

VASCO MENDONÇA, 2024\*

---

## **Emmanuel Nunes**

LISBOA, 1941 – PARIS, 2012

### ***Duktus*, para 21 instrumentos**

*Duktus* pertence ao segundo ciclo de obras de Emmanuel Nunes (“A Criação”), iniciado em 1978 com *Nachtmusik I* e concluído no ano de 2007 com *Lichtung III*. Neste ciclo, o compositor estabelece uma ruptura radical com os elementos fundadores do primeiro ciclo, nomeadamente com alguns aspectos autobiográficos, passando a trabalhar de maneira mais primordial sobre a linguagem em si mesma, sobretudo ao nível rítmico. Todas as peças pertencentes ao segundo ciclo, incluindo *Duktus*, fundamentam-se num mesmo princípio geral, uma espécie de “temperamento rítmico” que permite, por um lado, obter um perfil agógico e temporal específico para cada obra,

e gerando, por outro lado, sequências de proporções variáveis capazes de integrar espaços rítmicos de origens diferentes. O elemento gramatical de base deste sistema complexo consiste numa “invenção” de extrema simplicidade: a sobreposição de duas pulsações regulares, começando ao mesmo tempo, com uma duração total igual, “ferramenta” esta que é posteriormente aplicada a numerosas dimensões da composição, tais como o fraseado, o número de notas numa melodia, a métrica, os intervalos ou a espacialização.

*Duktus*, uma encomenda da Fundação Maeght, consiste num fluxo melódico contínuo, constituído por uma sucessão de “melodias” ou “episódios”, sendo cada uma destas melodias dominada por um instrumento, espécie de “conductor” do discurso sonoro. A obra baseia-se no número sete, tendo sido concebida para sete *grupos*, cada um dos quais inclui um instrumento principal solista, ao qual está associada uma nota principal. Esta nota polariza o discurso de cada intervenção melódica do instrumento e só pode aparecer em duas posições do registo. Além da nota principal, cada instrumento “personifica” ainda um intervalo, que é definido pela primeira e pela última nota de cada figura melódica. A sucessão ininterrupta de *melodias* e de *grupos de timbre* bem diferenciados define uma organização formal comparável a um rápido caleidoscópio de imagens instantâneas, permitindo ao compositor criar um objecto sonoro de ritmo variado, movimentado e continuamente revitalizado. A enorme presença dos instrumentos de percussão, aliada a uma refinada estratégia de dobragens de instrumentos, através da qual cada grupo e instrumento dominante são timbricamente enriquecidos pelos outros seis grupos, confere à obra um colorido instrumental de grande originalidade e intensidade.

Sete longos ataques, emblemáticos e plenos de simbolismo, dão início a *Duktus*, configurando uma primeira melodia, mas ouvindo-se principalmente como uma “introdução” lenta. Sensivelmente a meio da peça voltam a ouvir-se estes mesmos sete ataques, definindo um ponto de viragem importante na dramaturgia dos acontecimentos: entre a primeira e a segunda aparição dos sete ataques emblemáticos, Emmanuel Nunes apresenta uma sucessão caleidoscópica de episódios sempre novos; a partir da segunda aparição dos ataques lentos, passam a ouvir-se alguns dos “episódios” já previamente apresentados, seleccionados e repropostos em novas relações de vizinhança: primeiro mantendo e seguindo a mesma ordem de apresentação temporal, como se a memória tivesse “retido” apenas alguns elementos do objecto previamente escutado; posteriormente deixando de seguir a ordem sequencial original, como se o ouvinte entrasse num novo estado mental, libertando-se da ideia do tempo como sequência linear, e tornando-se aberto à ideia de “retenção” livre e atemporal do material sonoro. Cada momento instantâneo parece assim conter em si todos os tempos (passado — presente — futuro), situando-se numa enigmática região “fora-do-tempo” e sugerindo que o tempo não se deixa captar por nenhum sentido.

PAULO DE ASSIS, 2007\*

---

\* Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

## Vasco Mendonça

### *Three Speeches and a Technique*

Texto: Vasco Mendonça

#### 1. The Choice

*It's time for a change.*

*No dream is beyond our reach.*

*Let's take back our land.*

*We must get tough, we're heading down  
a slippery slope.*

*Are you better off now than four years ago?*

*Do you think they care?*

*We have to break the gridlock, head in the  
right direction, change the tone,*

*Give the middle class a tax cut, and find out  
how great a nation we can be.*

#### 2. The Future

*I want to share my sense of hope and  
confidence in the next generation.*

*You, you are the driving force for change  
and growth,*

*You're the lifeline, the heart of this nation,  
holding in your hands the chance to get back  
what you have been taken.*

*Dearth lurks on the horizon, you must not let  
time pass by.*

*Simply said: let's take it back,*

*Claim back the future right now.*

#### A Escolha

É hora de mudar.

Não há limite para os nossos sonhos.

Tomemos de volta a nossa terra.

Temos de ser firmes, estamos a enveredar  
por caminhos muito perigosos.

Estamos melhor agora do que estávamos há  
quatro anos?

Vocês acreditam que eles se importam?

Temos de libertar-nos das amarras,  
caminhar na direção certa, mudar o tom,  
Cortar os impostos à classe média e desco-  
brir quão grande pode ser a nossa nação.

#### O Futuro

Quero partilhar convosco a minha esperança  
e confiança na próxima geração.

Vocês, vocês são a força motriz da mudança  
e do crescimento,

Vocês são a salvação, o coração desta nação,  
e têm nas vossas mãos a oportunidade de  
reaver o que vos foi roubado.

A escassez espreita no horizonte, não deixeis  
o tempo passar.

Dito de forma simples: vamos recuperá-lo,

Vamos reivindicar o futuro agora mesmo.



### 3. The Recount

*I stand on this stage holding my breath.  
I stand before you with a hopeful heart.  
But regardless of the outcome, our work is far from done.  
Every single vote must be counted.  
We have to trust the electoral process will follow its course and wait for every precious vote to be accounted for.*

*I stand before you with a heavy heart.  
As it turns out, the outcome is unexpected.  
We must demand a new count, one that can provide us with the outcome we deserve.*

### 4. The Power Fist

*Raise your hand to about chest level.  
Make a fist with the thumb on top.  
Slightly uncurl the index finger so that the thumb rests on the notch of the middle joint.  
The best way to use the power fist is to punch the air at the end of a sentence:  
'I see an alien land within our borders.  
These people remind us of their presence  
When the city explodes with desperate acts of broken men.'*

### A Recontagem

Estou neste púlpito a sustar a respiração. Estou perante vós com o coração cheio de esperança. Mas, independentemente do resultado, falta muito para o nosso trabalho estar acabado. Todos os votos devem ser contados. Temos de confiar que o processo eleitoral seguirá o seu curso e esperar que cada voto precioso seja contabilizado.

Estou perante vós de coração pesado. Como se constata, o resultado não é o esperado. Temos de exigir uma nova contagem, Uma que nos proporcione o resultado que merecemos.

### O Punho do Poder

Levantem a mão até à altura do peito. Façam um punho com o polegar por cima. Desenrolem ligeiramente o dedo indicador de forma a que o polegar assente no nó da articulação do meio. A melhor maneira de usar o punho do poder é socar o ar no final de uma frase: 'Vejo uma terra estrangeira dentro das nossas fronteiras. Estas pessoas lembram-nos da sua presença Quando a cidade explode com atos desesperados de homens despedaçados.'

## Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR, Frankfurt e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, Radio France e Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma, a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Bruxelas. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, na Ópera da Flandres, no Teatro Argentino La Plata, na Ruhrtriennale e no Festival de Bregenz, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Calixto Bieito, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Mais recentemente, apresentou-se com sucesso na Ópera de Zurique — *Girl with a Pearl Earring* de Stefan Wirth (nomeada estreia do ano

pela revista *Opernwelt*) — e no Teatro Estatal de Hesse/Wiesbaden — *Werther* de Massenet.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi diretor artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro diretor artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música, com o qual conquistou grande sucesso em importantes festivais europeus — nesta temporada, dirige-o na Elbphilharmonie de Hamburgo e na Philharmonie de Colónia, com Matthias Goerne, estreando um novo arranjo de Jörg Widmann para *Dichterliebe* de Schumann.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Como diretor musical do Taschenoperfestival (desde 2019), criou uma outra academia em Salzburgo, com vista à promoção de jovens maestros no campo do teatro musical contemporâneo. É regularmente convidado para ensinar em cursos internacionais de ensembles como a London Sinfonietta, o Ulysses Ensemble na Academia ManiFeste em Paris, a Academia do Festival de Lucerna e no Teatro alla Scala de Milão.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

## Christina Daletka meio-soprano

Christina Daletka é uma das mais impressionantes cantoras da sua geração. Com um talento invulgar para obras dos séculos XX e XXI, percorre facilmente repertórios clássico e moderno. A amplitude de três oitavas permite-lhe cantar frequentemente partes de soprano.

Na temporada 2023/24, Daletka estreia a obra *Mnemosyne* de Stefan Wirth com o Collegium Novum de Zurique, sobe ao palco do Festival de Berna com o Arditti Quartet, interpreta *Aventures & Nouvelles Aventures* de György Ligeti com a Camerata Variabile na Suíça, e tem concertos agendados com o Remix Ensemble Casa da Música e com a Orquestra de Valência.

A sua presença no domínio operático começou aos 23 anos, quando cantou Rosina em *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, no Teatro Real de Madrid. Enquanto meio-soprano, desempenhou os papéis de Cherubino (*As Bodas de Fígaro*), Lucilla (*A escada de seda*), Mercedes (*Carmen*), Annio (*La Clemenza di Tito*), Idamante (*Idomeneo*), Angelina (*Cinderela*) e Piacere (*Il trionfo del tempo e del disinganno*). Cantou em salas como a Oper Graz, Opernhaus de Zurique, Konzert Theater de Berna, Festspielhaus de Baden-Baden, Staatstheater de Estugarda, Opéra Comique em Paris, Théâtre du Châtelet em Paris, Opéra National du Rhin de Estrasburgo, Grand Théâtre do Luxemburgo, Opéra de Dijon e Opéra de Lyon.

Em 2017, fez a estreia mundial de *Kein Licht* de Philippe Manoury, na RuhrTriennale. No ano seguinte, esteve pela primeira vez no Teatro La Fenice de Veneza para ser a rainha Isabel na estreia italiana de *Richard III* de Giorgio Battistelli. No verão de 2019, estreou *Last Call* de Michael Pelzel na Ópera de Zurique.

Em 2013, cantou com o Ensemble intercontemporain, sob a direção de Pierre Boulez

em Paris, naquele que seria o ponto de partida para uma longa colaboração com a formação. Trabalhou com orquestras e ensembles como o Mozarteum Orchester de Salzburgo, Klangforum de Viena, Orquestra de Câmara Mahler, Deutsche Kammerphilharmonie de Bremen, Balthasar-Neumann Ensemble, Essener Philharmoniker, Sinfónica SWR de Baden-Baden e Freiburg, Arditti Quartet, Ensemble Resonanz, Ensemble MusikFabrik, Orquestra da Tonhalle de Zurique, Sinfónica de Berna, Filarmónica Real de Liège, Orquestra de Câmara de Lausanne, Sinfónica do Porto Casa da Música e Sinfónica da Rádio Sueca de Estocolmo.

Apresentou-se nas principais salas de concerto de Hamburgo, Colónia, Zurique, Viena, Paris, Luxemburgo, Amesterdão, Bruxelas, Porto e Londres e nos festivais de Salzburgo, Viena, Lucerna, Musica em Estrasburgo e Beethovenfest em Bona.

Entre os maestros e compositores com quem já trabalhou, destaque para Emilio Pomarico, Daniel Harding, Matthias Pintscher, Ivor Bolton, Riccardo Muti, Thomas Hengelbrock, Louis Langrée, Titus Engel, Jun Märkl, Mirga Gražinytė-Tyla, Jun Märkl, Christopher Hogwood, James Gaffigan, Christian Zacharias, Teodor Currentzis, Zsolt Hamar, François-Xavier Roth, Kirill Karabits, Elena Firsova, Philippe Manoury, Heinz Holliger e Georges Aperghis.

Nascida em Lemberg, na Ucrânia, em 1984, Christina Daletka tem interesses múltiplos fora da música: fala sete línguas e o seu ativismo no campo dos direitos humanos fez com que tivesse sido nomeada Embaixadora da Arte para os Direitos Humanos pela Amnistia Internacional. Este compromisso ganhou intensidade desde o conflito com a Rússia, trabalhando como voluntária na recolha de fundos, gestão, organização e aquisição de transportes, medicamentos e bens essenciais.

## Remix Ensemble Casa da Música

**Peter Rundel** maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann e Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia. Em 2024, apresenta-se no festival Acht Brücken de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon

(Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe e Liza Lim, além de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2024, regressa à música icónica de Emmanuel Nunes e divulga obras de Vasco Mendonça, Compositor em Residência — entre as quais um novo Concerto para violino, a estreiar pela prestigiada solista Carolin Widmann, e uma obra para voz e ensemble, com Christina Daletska. O encontro com o coletivo Ruído Vermelho traz música encomendada a Luís Antunes Pena, e a celebração do 25 de Abril aborda a vanguarda de Jorge Peixinho e Emmanuel Nunes, em confronto com as novas gerações.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

**Violino**

Angel Gimeno  
Ashot Sarkissjan

**Viola**

Trevor McTait  
Alfonso Noriega

**Violoncelo**

Oliver Parr  
Filipe Quaresma

**Contrabaixo**

António A. Aguiar

**Flauta**

Stephanie Wagner  
Melanie Gil

**Oboé**

Filipa Vinhas  
Rafaela Laranjeira

**Clarinete**

Victor J. Pereira  
Ricardo Alves  
Bruno Silva

**Fagote**

Roberto Erculiani

**Trompa**

Nuno Vaz

**Trompete**

Aleš Klančar  
Sérgio Pacheco

**Trombone**

Ricardo Pereira

**Tuba**

Adélio Carneiro

**Percussão**

Mário Teixeira  
Manuel Campos  
João Cunha  
João Dias

**Piano/Celesta**

Jonathan Ayerst

**Operação Técnica****Iluminação**

Bruno Mendes

**Palco**

Carlos Almeida  
José Torres  
Rui Brito

**Assistência de cena**

Moisés Pedro

## Próximos concertos

26 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Coro Participativo**

**Nuno Coelho** direção musical

**André Baleiro** barítono

Obras de **Fernando Lopes-Graça** e **Claude Debussy**

28 DOMINGO 10:00; 11:30 E 16:00 SALA 2

### **Cenas Infantis**

serviço educativo

**Beatriz Rola** e **Pedro Alvalá** conceção artística e interpretação

**Ana Conceição**, **André Soares** e **Pedro Santos** interpretação

28 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Nuno Coelho** direção musical

**Claude Debussy** *La mer*

30 TERÇA 19:30 SALA 2

### **Liliana Coelho e Isabel Calado**

**Liliana Coelho** soprano

**Isabel Calado** cravo

Obras de **José Maurício**, **António José da Silva**, **Giuseppe Forlivesi**,

**Francisco Xavier Baptista**, **João Francisco Leal** e **Frei de São Boaventura**

31 QUARTA 21:30 SALA 2

### **Best Youth**

promotor: Vachier Associados

01 QUINTA 21:30 SALA 2

### **Tiago Sousa**

promotor: Pinuts

03 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

### **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Tito Ceccherini** direção musical

**Raul Costa** piano

Obras de **Ângela da Ponte**, **Sergei Prokofieff**, **Unsuk Chin** e **John Adams**



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

